

20 anos do PPGTURH – MEMÓRIA, TEMPO E NARRATIVA

20 years of PPGTURH – Memory, Time and Narrative

Luciane Todeschini Ferreira¹ & Luciene Jung de Campos²

DOI

INTRODUÇÃO

Comemorar, de origem latina *commemorare* [*com-memorare*], significa trazer à memória, recordar junto com o outro. Esse é o propósito da edição especial da Revista Rosa dos Ventos: comemorar, com você, os 20 anos do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Memória, tempos, narrativas, como organizar esse conjunto multifacetado que é constitutivo do próprio Programa?

Na abordagem assumida, a da escuta dos professores que atuam no Programa nesse marco temporal em que o PPGTURH completa seus 20 anos, o resultado tangível são as entrevistas que compõem essa edição: as várias vozes que tecem histórias, a partir de memórias. O intangível? Fica a crédito da memória afetiva e de outros laços que se teceram antes, durante o próprio momento da entrevista, e após o mesmo, fica nesse atravessamento de subjetividade entre orientandos e orientadores, para além das orientações assumidas. O intangível? Igualmente fica no espaço entre leitor e texto, naquele outro que se tece no momento da leitura, que pode igualmente ser compreendida (a leitura) como uma escutatória ao outro. Leitores, ouvintes, pessoas em relação, trocando memórias, gostos, afetos e conhecimentos.

Nessa escuta atenta àquilo que o outro diz, àquilo que é do outro, mas que em mim tonaliza, ou habita, espaços de hospitalidade são constituídos. Em um mundo marcado pela velocidade, pela exigência de produtividade, abrir-se para a escutatória é um gesto de genuína hospitalidade: sente, tome um cafezinho... hospede-se nesta relação que só é possível quando existe abertura para o outro, aquele que é diferente de mim.

¹ **Luciane Todeschini Ferreira** – Doutora. Docente no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1830986077334296>. E-mail: lucianetodeschinif@gmail.com

² **Luciene Jung de Campos** – Doutora. Docente no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1151177602559882>. E-mail: ljungdecampos@gmail.com

Orientadores resgataram memórias, histórias, trajetórias, tendo como testemunhas e partícipes desse processo seus orientandos. Nesse momento privilegiado, todos puderam reconhecer-se ou estranhar-se nas utopias localizadas que se enlaçam e se tensionam. O resultado desse processo são as entrevistas disponibilizadas que refletem a multiplicidade de vozes do Programa, constituído por meio de suas linhas de pesquisa, dissertações e teses defendidas.

O texto de Eduardo Galeano³ “A paixão de dizer”, que se encontra no “O livro dos Abraços”, pode melhor exemplificar esse processo constituído, esse crescimento sógnico, característico de um Programa que se constitui na e pela abertura, que se constitui no reconhecimento desse outro: *“Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de peçonhas”*.

Sim, de fato, metaforicamente, o PPGTURH está grávido de muitos - e é esse brotar de peçonhas que o leitor acompanha nas entrevistas. São memórias, observações, reflexões, trajetórias que, ao serem compartilhadas, revelam a beleza do livre pensar, a beleza da docência, ao mesmo tempo em que descortinam os sujeitos que se manifestam pela palavra. E que, acima de tudo, contam uma história coletiva.

E quantas “peçonhas” saem das memórias registradas nas entrevistas... cada professor se apresenta e fala aos seus orientandos. Cada professor se apresenta e conversa com os leitores. Cada professor se apresenta e conversa com todos aqueles que por ele já passaram. De conversa em conversa, de passagem em passagem são traçadas as narrativas.

Na abordagem assumida, propomos reflexões sobre tempo, história e memórias, para, dessa forma, justificar a proposta do projeto editorial desta edição comemorativa, já que esse registro traz a memória de uma experiência individual naquilo que ela é capaz de falar ao coletivo, abrir trocas com o público, colocando em pauta questões as mais diversas.

Memórias, tempos, narrativas... o Programa se constrói nesse mosaico - nessas miríades constituídas pelos traços daqueles que habitam e habitaram o PPGTURH - espaços físicos, espaços sociais, espaços afetivos, espaços cotidianos sobrepujados pelas efervescências dos

³ Galeano, E. (2003). *O livro dos abraços*. 10 ed. Porto Alegre, RS: L&PM.

acontecimentos históricos. Assim, deparamo-nos com a avassaladora pandemia que nos coloca em crise sanitária e em luto.

Essa edição, além de recordar os 20 anos da nossa Pós-Graduação, trata-se, também, de um trabalho simbólico de luto pela perda do nosso colega Sílvio Vianna, vítima de COVID-19. Essa perda que abre um buraco e deixa um vazio precisa se transformar em palavra para amenizar seus efeitos, por isso insistimos na homenagem. Tentamos produzir um rito em grupo e na comunidade acadêmica, pois acreditamos que o luto transcende o individual e só se elabora no espaço social. O professor Sílvio faz parte da nossa memória e estará na permanente reconstrução do presente do PPGTUR. Ele nos deixa uma obra com estatuto de duração para além do tempo em que esteve conosco. De fato, o tempo presente é uma reconstrução da memória para garantir a possibilidade de que haverá futuro. Pois a manutenção da vida não está de modo algum assegurada e precisa ser permanentemente confirmada na relação com o outro.

Nos registros gráficos, uma forma de perpetuar a memória, fixando-a, como referido no provérbio latino “*Verb volant, scripta manent*”, ou seja, as palavras faladas voam, a escrita permanece. Para além de outras e diferentes possibilidades interpretativas, há de se destacar àquela que apresenta a escrita como a que marca, aquela que fixa no tempo. Pierre Lévy⁴ (1993), referindo-se às tecnologias da inteligência, sustenta que o homem dispõe do extraordinário instrumento da memória e da linguagem. Para ele, “a partir do momento em que uma relação é inscrita na matéria resistente de uma ferramenta [...] torna-se permanente. Linguagem e técnica contribuem para produzir e modular o tempo” (Lévy, 1993, p.72). As inscrições surgem como travas da irreversibilidade, obrigando o tempo a passar em apenas um sentido e produzem histórias. A memória apresenta-se como uma forma de criação permanente e como trabalho para evitar o esquecimento e lidar com a morte.

Por fim, trazemos novamente Galeano, em outro texto “A paixão de dizer 1”, isso porque, se histórias são contadas, somos todos contadores. Nesta edição, orientadores, pesquisadores, professores contaram-se, tal como a personagem do conto, aquela mulher que canta e conta: “Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos,

⁴ Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. SP: Editora 34.

como quem lê a sorte de soslaio. Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papezinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai”.

Convidamos os leitores a compartilhar o tempo, abrir os papezinhos, a entrar nas nossas histórias e a se aventurar na tentativa que fizemos de contar sobre o projeto que buscamos construir juntos. Pois é no tempo compartilhado, que se acumula, que a produção singular e coletiva se faz para responder a uma provocação do mundo.

Boa leitura!